Bem-Te-Vi

ANO XVIII NUM. 4

ABRIL DE 1940

A Moeda Perdida

Ernesto corria pela rua estreita de sua vila para ir encontrar-se com o amiguinho Sérgio, quando ouviu Valter chamando-o :

— Espere-me, Ernesto ! Espere-me !

— Só se você for comigo procurar o Sérgio para brincarmos juntos, gritou Ernesto.

Enquanto esperava Valter aproximar-se, olhou para o chão e viu uma moeda, faiscando ao sol.

— Olhe o que achei ! exclamou êle, apanhando-a e mostrando a Valter que acabava de chegar. Que sorte ! Podemos agora comprar uma boa bola de borracha, como temos desejado há tanto tempo, você sabe, uma daquelas que temos visto na casa "Ideal".

Valter pegou-a para ver de perto ; limpou-a bem com a ponta do paletó e olhou, mas, não sabendo ler, perguntou : Será que dá para comprarmos ?

Ernesto sacudiu a cabeça, duvidoso :

— Para falar a verdade, eu não sei, mas Sérgio sabe. Talvez esta moeda valha muito ; Sérgio sabe ler e nos dirá.

— Oh ! Lá vem êle, gritou Valter.

— Que calor ! exclamou Sérgio, limpando o suor do rosto. Corri todo êste caminho !

— Veja, Sérgio, o que acabei de achar, disse Ernesto, mostrando a moeda na mão do outro. Queriamos que você fôsse conosco à casa "Ideal" perguntar quanto custa uma daquelas bolas de borracha e ver se o dinheiro é suficiente.

— Você acha que dá, Sérgio ? perguntou Valter. Veja bem.

— O dinheiro dá, mas a questão é que não lhe pertence.

— Ora, pois eu achei na rua ! exclamou Ernesto.

— Quem perdeu é porque não tomou cuidado, e não temos a culpa disso, acrescentou Valter.

— Estou convicto de que não foi por falta de cuidado, objetou Sérgio. Todavia, vamos comprar a bola.

Ernesto pegou a moeda da mão de Valter.

— Eu concordo, Sérgio, o dinheiro não é nosso enquanto não procurarmos encontrar o dono. Você tem razão. Não teríamos prazer algum em brincar com uma bola comprada deshonestamente.

Sérgio, procurando com o dedão do pé, arrancar uma pedra do chão, e com a mão direita no bolso da calça, pensou um pouco e disse :

— Eu sei que quem perdeu êsse dinheiro, quer que você compre uma bola.

E Ernesto na mesma hora viu dois dedos varando um buraco no bolso de Sérgio.

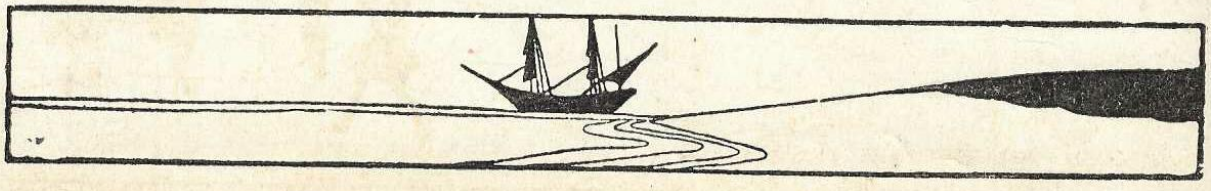
— Seu bolso está furado, Sérgio ! exclamou êle.

E vendo Sérgio sorrir, acrescentou :

— Agora é que compreendo ! Esta moeda era sua e você a perdeu pelo buraco do bolso, não foi ?

— Justamente, você adivinhou. Ganhei-a em trôco dum servicinho extraordinário que fiz e pretendia comprar uma bola de borracha para nós três. De caminho à casa "Ideal" perdi. Chegando lá, procurei o dinheiro, e nada! Só encontrei um buraco no bolso. Voltei imediatamente pelo mesmo caminho, procurando por todo canto, até que encontrei vocês aquí. Agora que já sabem tôda a história, vamos comprar a bola tão desejada.

E assim foi que o caixeiro da casa "Ideal" atendeu a três meninos sorridentes que lá foram comprar uma bola de borracha.



Bem-Te-Vi

ANO XVIII ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NUM. 4

Gerente responsável: — Fernando Buonaduce

Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 659

Assinatura anual 10$000
Número avulso . 1$000

Tôda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor: Afonso Romano Filho • São Paulo, Abril de 1940 • Redatora: Antonieta Gonçalves Gilioli

Primeiro de Abril

Benício escondeu-se atrás da grade para ver o jeito do snr. Juca abrir o pacote. A' expressão de desapontamento estampada no rosto do ancião ao ver que o pacote fôra uma peça, Benício ergueu-se sorridente e gritou : *1.º de Abril* ! Sem mais esperar saiu correndo para ver quem seria o seu segundo bobo.

Benício estava achando muito divertido enganar os outros. Já havia dado à sua irmã uma bala de mentira e à sua mãe um embrulho muito bonito que não continha nada. Naturalmente elas acharam graça naquilo para não ficarem desapontadas.

O nenèzinho também foi enganado. Benício lhe falou que havia um rasgo atrás no seu vestidinho, e ria gostosamente ao contemplar a pequerrucha virar roda, tentando ver o suposto rasgo.

Gozou mesmo à custa dos de sua casa, dizendo-lhes : Você derrubou isto ; alguém está chamando-o na porta ; fulano telefonou, etc.

Sabem até o que êle fez ? Em duas casas tocou a campaínha e saíu correndo. Quando não sabia mais o que inventar, resolveu ir ver o que Vera, sua vizinha, estava fazendo.

— Que bom você aparecer por aquí! exclamou Vera, satisfeita, ao vê-lo entrar. Quero que me ajude a pregar *1.º de abril* em algumas pessoas.

— Ah ! Eu já enganei uma porção ! respondeu Benício, gabando-se. Que é isso em seu vestido ?

Verinha olhou depressa e depois riu, ouvindo-o gritar : *1.º de abril !*

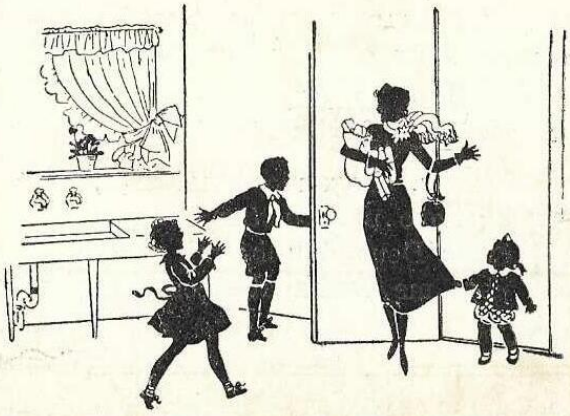
— Venha aquí na cozinha, Benício, convidou a amiguinha. Vou mostrar-lhe a peça que preparei para mamãe. Ela foi à feira com o nené e enquanto isso lavei tôda a louça do café e varri a cozinha. Não acha que vai ser uma surpresa ?

— Que cheiro é êsse que estou sentindo ?

— Oh ! São as balas que acabei de fazer, respondeu Vera. Vou encher três caixas para assustar três pessoas. Restam algumas aquí no prato. Pode servir-se.

— Muito obrigado.

Ouviram nesse momento, passos da mamãe que chegava. O nené vinha



impaciente e mamãe lhe dizia que ficasse bonzinho, pois aínda tinha de arrumar a cozinha. Mas ao entrar, que surpresa ! Tudo arrumadinho ! E Benício e Verinha saíndo de detrás da porta, gritaram : *Primeiro de abril !*

Mamãe riu muito e abraçou a filhinha. Depois os dois, sobraçando as três caixas de balas e umas flores colhidas em seu jardinzinho, sairam. Uma caixa deixaram na casa duma senhora idosa que de tão velha já não saia mais de casa. A segunda deixaram na casa duma menina que havia quebrado a perna. A terceira era para o snr. Juca.

— Ah ! Que gôzo em ver a cara dêle ao morder a bala de algodão ! exclamou Benício. Ou você pôs pimenta ?

— Que é isso, Benício ? tornou a menina, indignada. E' bala de verdade, e das boas ! Então você acha que eu iria fazer dessas brincadeiras, inda mais com o bom snr. Juca ? Papai nos contou que êle às vezes até passa fome, não é orgulhoso e aceita auxílio de qualquer pessoa.

Benício lembrou-se imediatamente da caixa vazia que lhe havia dado e não se sentiu bem. Lembrou-se também com tristeza das balas que havia deixado no prato, julgando-as de mentira.

— *Primeiro de abril !* gritou-lhe Vera, percebendo seu pensamento.

— Fui logrado mesmo ! disse Benício desapontado.

— As flores vamos deixar na soleira da casa de d. Etelvina. Ela trabalha tanto que nem tem tempo para cuidar de flores. Você toca a campaínha, Benício, e nós escondemos.

Vamos ver o que ela faz ao dar com as flores.

A expressão de alegria que transpareceu no rosto cansado de d. Etelvina, foi tudo quanto Verinha desejava.

— Aínda vamos enganar mais gente dêsse modo ? perguntou Benício.

— Mais uma, respondeu ela. Alí vai d. Mercedes ao açougue. Vou pular a cêrca e recolher bastante lenha para ela. Aposto que há de adivinhar quem foi.

— Eu também vou, prontificou-se Benício.

— Agora não tenho outro plano, disse Vera, quando ambos haviam acabado de recolher a lenha. Vamos brincar um pouco na gangorra lá em casa ?

Enquanto os dois voltavam correndo e pulando, Benício confessou com sinceridade :

— As suas peças são muito mais divertidas que as minhas. No próximo ano vou fazer como você. Vamos apostar quem inventa mais ?

★ ★ ★

Do meu diário

A. de C. G.

De manhã, deixando a cama,
faço a Deus minha oração;
dou-lhe graças pela noite,
pela vida e proteção.

E também, durante o dia,
sou mui grato ao meu Senhor,
pelas muitas providências,
que me provam seu amor.

Depois, chegando a noitinha,
de novo para deitar,
oro a Deus, dou-lhe mil graças,
peço me venha abençoar.

Já preparaste tua armadura?

Ricardo e Caio tinham no quarto um quadro que muito admiravam. Representava um cavaleiro em sua armadura, devidamente preparado para os feitos heroicos e nobres. Os dois rapazes falavam sempre acêrca do quadro que os impressionava deveras.

— Não seria digno se nos tornassemos nobres como êle e pudessemos sair pelo mundo, ajudando o próximo e contribuindo para torná-lo melhor? dizia Ricardo.

— Seria uma beleza! concordava Caio, e, talvez, possamos se, desde já começarmos a preparar nossa cota de malha.

— Começar já? Como?

— Sabe, tenho lido alguma coisa a respeito da infância e juventude de alguns notáveis cavaleiros. Você vê, nem mesmo o nosso querido cavaleiro da gravura não foi sempre assim como o vemos. Naturalmente foi também um rapazinho como nós. E precisou preparar-se para os grandes e gloriosos feitos que via na sua frente.

— Isso é mesmo, é mesmo, concordou Ricardo, mas não sei como preparar nossa armadura?

— Bem, pois êste menino, cuja biografia lí, tinha como ideal, ser um cavaleiro; então sua mãe fê-lo ver que precisava, quanto antes, preparar a cota de malha. Explicou-lhe claramente como tecê-la e uní-la fio a fio, dia após dia. Aquí era um fio de bondade, alí um fio de verdade e honestidade, ora a prontidão e altruismo, mais além um fio, a entrelaçar, de amor, e assim por diante. Passaram-se os dias de sua meninice mas não lhe saiu da mente a cota de malha que tecia e o propósito de bem tecê-la. E, com o passar do tempo, quando se apresentou para ser armado cavaleiro, trazia um carater mais sólido e mais brilhante que a própria armadura. Tinha uma cota de malha no interior que fazia dêle um verdadeiro cavaleiro.

— Já compreendí, disse Ricardo, pensativo, o que vale é a armadura de dentro. Se não pudermos viajar mundo como o nosso herói, teremos aquí mesmo um vasto campo onde pôr em ação um espírito nobre e praticar feitos dignos de louvor.

— E não nos enche de satisfação saber que de nós depende a qualidade de armadura que vamos usar? exclamou Caio, cheio de confiança.

ENIGMA BÍBLICO

Resolver êste enigma de acôrdo com as instruções publicadas na página 67 do número de março.

sois da e mun Vós sal o ra do luz a do ter

A CARTA que o cachorro Forte escreveu aos Bem-Te-Vistas ★ ★

Meus queridos bem-te-vistas.

Saudações.

Antes de tudo quero contar-lhes que sou um enorme cão. Meu nome é Forte. Tenho uma linda história a contar-lhes e embora o faça com certo acanhamento, (pois não gosto de me referir a meus próprios feitos) tenho nisso prazer, por cumprir uma promessa que fiz à professora de minha dona.

Foi assim :

Margarida é a minha dona. Tem cinco anos apenas. Todos os dias vou levá-la à escola e buscá-la.

Certo dia a professora me chamou e disse.

— Forte, hoje Margarida me contou porque você tem essas manchas e cicatrizes na cabeça e nas costas. Foi para salvá-la, não foi ? Gostei imensamente de saber o quanto você a estima. Pensei, então, Forte, em pedir-lhe para escrever uma cartinha aos bem-te-vistas, *você mesmo*, narrando o acontecimento, pois sei que todos terão prazer em conhecer a sua coragem.

Prometi-lhe escrever, embora constrangido. Eis a razão de me dirigir aos bem-te-vistas, contando a história de : "*Uma menina salva dum incêndio na floresta*".

Desde que nascí moro com a família Ribeiro, pais de Margarida. São pobres e moravam numa humilde casinha, num descampado, rodeado pela mata.

D. Elisa é muito ocupada, trabalha para ajudar o marido. Por isso logo que eu fiquei grandinho, deram-me a incumbência de cuidar do nené. Nessa ocasião ela era aínda criancinha. Como tem crescido ultimamente ! Lembro-me de quando montava em mim como se eu fôsse um cavalinho. Brincamos muito e eu sempre dou mostras de ser seu guarda fiel. Estimo-a no fundo de meu coração.

Moravamos no nordeste onde de vez em quando há grandes sêcas ; nessas épocas é comum surgir fogo nas matas, lambendo e destruindo tudo e deixando atrás de si, um quadro verdadeiramente desesperador.

Em novembro um terrível incêndio começou nas matas, do outro lado das montanhas. Viamos ao longe os grossos rolos de fumaça, mas o vento nos era favorável, arrastava o fogo para outra direção. Uns dias depois apareceu um homem buscando auxílio aos bombeiros ; procurava homens, mulheres e até mesmo crianças. O pai e a mãe de Margarida foram, deixando-a aos meus cuidados. Sairam e trancaram tudo, o que foi um desastre, como vão ver, e me fizeram a última recomendação :

— Olhe, Forte, cuide bem da menina !

Por horas nós dois brincámos dentro de casa. Ela me vestia e amarrava-me ao pescoço uma fita azul para brincarmos de "comadre". Embora eu não gostasse muito dessa brincadeira, nada dizia ; porém, o que eu achei fora de propósito foi ela amarrar um laço verde em minha cauda. Depois a coitadinha adormeceu com um bracinho em volta ao meu pescoço.

Não fazia muito que ela dormia quando senti um cheiro de fumaça. Corri à janela. O vento havia virado e soprava rijo em nossa direção. A floresta que nos cercava estava en-

volvida em densas nuvens de fumaça. Senti um calor forte. O fogo vinha devorando a mata com rapidez incrível e em pouco tempo a nossa cabana seria atingida. Minha criança estava em perigo!

Eu ladrava e gania, atirando-me de encontro à porta trancada; com minhas patas bati na porta como um louco, mas não consegui abrí-la. Uma janela estava fechada só com a vidraça, mas não me foi possível erguê-la. Com meus latidos a menina acordou e começou a chorar de susto. Fiquei sem saber o que fazer de tanto desespêro. Rosnando ferozmente, consegui quebrar a vidraça e o caixilho com as patas e a cabeça, e para tornar o buraco maior, passei diversas vezes de dentro para fora e de fora para dentro.

Não havia tempo para explicações. Agarrei Margarida pelo vestidinho, e escapuli pela janela. Corri para o meio do terreiro mas parei atordoado, tal era a dor em meus ferimentos a sangrar e quasi cego pela fumaça. Margarida se conservava flexível, pendurada de minha bôca, trazendo na mão sua bonequinha velha. Vi diversos animaizinhos sairem do mato, espantados, tentando fugir do incêndio. O fogo estalava em meus ouvidos. No momento em que perdia por completo tôda a esperança, ouvi um grito, um bater de palmas e um assobio familiar: era meu dono que me chamava — "Aqui, Forte! Aquí, Forte! Venha, meu querido! Venha! Aquí, Forte!

Cego, queimado e quasi vencido, disparei em direção àquela voz tão minha conhecida. Pareceu levar tôda a vida dum cachorro para chegar ao lugar onde os pais de Margarida, ansiosos, me esperavam; encontrei-os num pedacinho da mata, que o fogo havia deixado intacto. Fugimos, livrando-nos do perigo. *Minha menininha estava salva!*

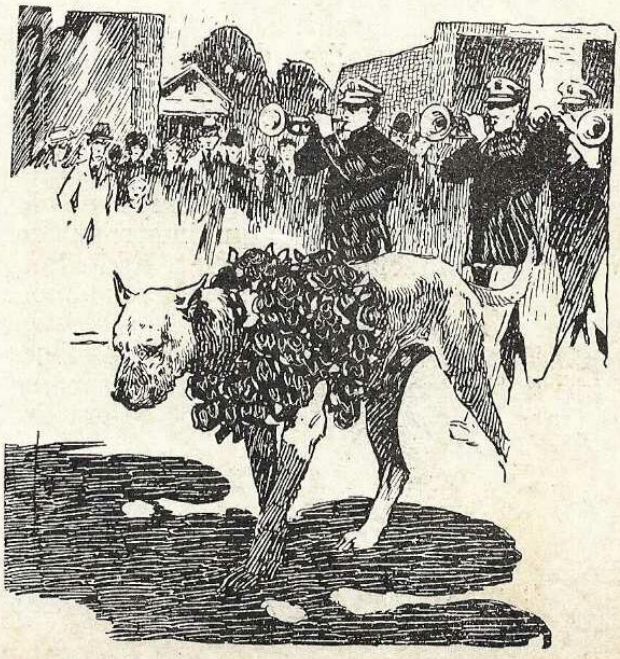
Margarida ficou levemente queimada e em pouco tempo se restabeleceu. Se vocês a vissem hoje, nem por sombra haviam de imaginar o perigo pelo qual ela passou. Cada dia ela se torna mais e mais bonita e boa.

Eu é que passei mal por muito tempo (três dias) e por três semanas estive em convalescença. Fiquei com algumas cicatrizes no pescoço e na cabeça onde o pêlo não cresce mais; fiquei também com um defeito no olho esquerdo, o que atrapalha um pouco para lutar. Mas sou um cachorro calmo e não me faz muita falta. Todos me fazem festa, mas não compreendo o porque. Ganhei uma coleira de prata com êstes dizeres "*Uma ação heróica*", conferida pela municipalidade, mas não gosto de usá-la, parece que procuro exhibir-me.

Outro dia me fizeram marchar numa parada de bombeiros, com coroas de flores em meu pescoço. Achei aquilo uma tolice. O povo gritou, bateu palmas; a banda tocou uma marcha que me fez querer latir...

Bem, meus bem-te-vistas, certos de que vocês saberão estimar um cão, deixo-lhes o meu adeus amigo,

FORTE.



NUMA NOITE ESTRELADA

— Ah! Hoje sim! Vamos estudar o céu! exclamou o tio Augusto.

Levizinho jogou de um lado o livro que estava lendo, deu um grito de alegria e correu buscar seu casaco, encontrando Marieta que saia do outro quarto já prontinha.

— Você tinha-se esquecido de que titio prometeu hoje falar acêrca das estrêlas? perguntou ela ao irmão.

— Êle não disse que era hoje, e sim na primeira noite estrelada que tivessemos.

Andar com o tio Augusto era um divertimento. Êle parecia saber tudo. Uma vez levou-os à floresta e lhes deu lições preciosas em relação às árvores; outra vez a respeito dos pássaros e aínda outra sôbre os insetos.

— Hoje, começou o tio, é uma noite linda!

Por cima de suas cabeças havia milhões e milhões de pontinhos prateados como joias num fundo preto.

— Não poderiamos ter escolhido noite melhor, pois não há nem uma nuvenzinha e nem lua.

— Antes de tudo, disse o Levizinho, olhando para o céu, eu queria saber a que distância estão as estrêlas.

Tio Augusto sorriu.

— Quando eu lhe disser, Levizinho, você há de pensar que estou caçoando. Escute bem: — A maior parte das estrêlas ficam tão longe de nós que eu gastaria umas vinte noites só para contar o número de quilómetros. Os astrónomos, vendo a imposibilidade de usar quilómetros para medir a distância das estrêlas, adotaram a unidade de tempo que se convencionou chamar *ano-luz*.

As duas crianças arregalaram os olhos. Nunca tinham ouvido falar nessa medida mas o tio Augusto apressou-se em explicar-lhes:

— Um ano-luz é a distância que a luz caminha em um ano, com a velocidade média de 300.000 quilómetros por segundo.

Levizinho abriu tanto a bôca... e perguntou:

— E leva um ano inteiro para a luz duma estrêla chegar aquí à terra?

— Às vezes leva mais de cem dêsses *ano-luz*, disse o tio e apontou para uma das estrêlas da grande constelação Orion.

Vocês vão pensar que conto farofa, disse êle rindo, mas a luz daquela estrêla, com a velocidade de 300.000 quilómetros por segundo, gastou quasi 200 anos para vir de lá aquí.

Marieta olhava e escutava com muita atenção.

Levizinho, já agora admirando-as com certo respeito, indagou:

— De que são feitas as estrêlas e por que brilham assim?

— São feitas da mesma matéria do sol, pois o sol é também uma estrêla tal e qual estas tantas que vemos agora. Sua composição é de diferentes metais derretidos sob um calor intenso que os transforma em gaz.

— Então o sol que nos parece tão grande é também estrêla? aventurou Marieta.

O tio sorriu. Para os sobrinhos tudo aquilo era novidade e grande demais.

— O sol, Marietinha, parece tão grande, porque está pertinho de nós.

— A que distância? perguntou o irmão, com ares de entendido.

— Apenas cêrca de 150.000.000 quilómetros, respondeu o tio, rindo. E' uma distância muito pequena quando comparada com algumas outras estrêlas. A razão de brilharem as estrêlas é por estarem sempre queimando como uma fogueira enorme. Se o sol estivesse distante como outras estrêlas, êle também teria o mesmo brilho prateado à noite.

— Há estrêlas maiores que a estrêla Sol? perguntou a menina.

— Há estrêlas, meu bem, mil vezes maior que o nosso Sol e êle por sua vez é quasi um milhão e meio de vezes maior que a Terra; agora vocês imaginem como o nosso planeta Terra é pequeno. Nossa estrêla Sol é de tamanho comum. Algumas estrêlas são muito maiores e outras muito menores.

— Agora titio, que é a Via Láctea? Eu vejo sempre, mas nunca soube o que era.

O tio, apontando para a grande faixa que mais parecia fumaça, explicou:

— A Via Láctea é uma faixa de estrêlas tão distantes, tão distantes, que não as percebemos distintamente — e parecem estar tão juntas que mais se assemelham à fumaça no céu. Há provavelmente mais estrêlas na Via Láctea do que grãos de areia na praia do mar.

— E que quer dizer constelação, perguntou Marieta.

— Há muitos, muitos anos, quando os primeiros homens começaram a observar o céu e a estudar os astros, notaram que conservavam a mesma posição e que alguns grupos de estrêlas apresentavam formas de diferentes objetos. Com certeza vocês já viram o Cruzeiro do Sul, que apresenta a forma duma cruz, e a Ursa Maior, a Ursa Menor, e o poderoso caçador Orion. Os navegantes antigamente guiavam-se pelas constelações. E' muito interessante êste estudo.

— Será que alguém já foi capaz de contar as estrêlas? perguntou Levizinho.

— Às vezes, tornou tio Augusto, alguns astrónomos traçam mapas do céu e fazem uma lista de tôdas as estrêlas, mas logo aparece algum outro com telescópios maiores e mais poderosos e descobre outros milhões de estrêlas além das muitas já conhecidas.

Estando as crianças já com dor no pescoço de tanto olhar para o céu, Levizinho disse:

— Bem, vamos para casa, acho que já sei tudo o que se pode saber sôbre as estrêlas.

O tio Augusto não pôde deixar de dar uma boa gargalhada e disse:

— Ora, Levizinho, nem os grandes astrónomos dizem isso! Estão constantemente descobrindo coisas novas nestes corpos misteriosos.

— Que bom que tivemos uma noite bem estrelada! exclamou Marieta, satisfeita com tudo o que ouvira.

— E eu vou falar ao papai que quero ser astrônomo, pois fiquei mesmo encantado com a lição de hoje!

— Muito bem meu rapaz, disse o tio, batendo-lhe bondosamente ao ombro. Gostei de ouví-lo.

"Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos!"

★ ★ ★

Que problema difícil

Lúcio, Laír e Laís estavam na calçada brincando de andar em seu carrinho novo.

Lúcio disse : — Vamos subir.

Êle subiu, Laír subiu e Laís também subiu, mas o carrinho não se moveu.

— Olhe, disse Laír, não saimos do lugar. Assim não serve. Alguém precisa puxar-nos.

— Lúcio, você puxa, disse Laís.

Lúcio deu um pulo do carro e começou a puxar. As rodas vagarosamente se moveram e o carrinho andou. Então Lúcio parou de puxar e sentou no carrinho, dizendo :

— Ah ! E' muito pesado ! Não aguento com vocês dois.

— Então eu experimento, ofereceu-se Laír.

E, pulando do carro, começou a puxá-lo. As rodas se moveram lentamente.

Mas Laír parou logo e, sentando-se, disse :

— Ah ! E' muito pesado para mim também.

— Oh ! Então que vamos fazer ? perguntou Laís.

Lúcio procurou resolver o problema.

— Já sei disse êle cada um por sua vez. Um puxa, um empurra e outro vai dentro.

Laís saiu do carrinho, dizendo :

— Eu empurro primeiro.

Lúcia também saiu, dizendo :

— Eu puxo primeiro.

Laís ficou no carrinho e disse :

— Então eu sou a primeira a andar de carrinho,

As rodas se moveram vagarosamente, mas pouco a pouco foram rodando e rodando e o carrinho já não andava mas sim corria na calçada.

— Que gostosura ! Assim, sim disse Laís radiante de prazer.

QUE FARIAS TU?

A Estrêla dos Marinheiros

Vocês sabem o que é um farol e para que serve? Muitos de vocês com certeza já o viram e outros já o estudaram. O farol é de grande importância para a navegação. Às vezes um navio se despedaça todo por falta dum farol. E sabem donde se originou êsse nome? E' porque o primeiro foi construido na ilha de *Faros* em frente à cidade de Alexandria, no Egito, no delta do rio Nilo. E de *Faros* veiu farol. Antigamente o farol não era como os de hoje. Não havia aínda luz elétrica, mas durante a noite acendiam fogo de lenha no cimo duma tôrre para servir de aviso aos navegantes. O assunto de nossa história é precisamente sôbre o farol que deu o nome a todos os inumeráveis faróis espalhados na face da terra.

Havia em Alexandria um menino chamado Hosru, cujo ideal era ser marinheiro como seu pai, o capitão Amho-tot, homem alto, corajoso e rijo. Mas Hosru aínda era muito criança para fazer-lhe companhia. Fazia quasi um mês que o Capitão Amho-tot estava de viagem. O pequeno egípcio já sentia saudades do papai, a quem muito admirava.

Hosru passava boa parte do dia na praia. Facinava-o a contemplação do mar, das docas, dos navios e do grande farol na ilha de Faros. A cidade de Alexandria, com suas ruas movimentadas e cheias de templos, palácios e bazares, não lhe despertava o interêsse.

Esta tôrre na ilha de Faros constituia uma das sete maravilhas do velho mundo. Fôra construida no reinado de Ptolomeu; era de mármore branco, e tinha 135 metros de altura; no cimo se acendiam dois fogos durante a noite. Era a fogueira querida dos marinheiros e por êles chamada "A Estrêla dos Navegantes".

Uma vez o pai de Hosru o levou à ilha para visitar o farol. Suas pernas ficaram exhaustas de tanto subir as escadarias da tôrre, mas a paisagem que descortinou lá daquela altura, compensava o seu cansaço.

No cimo da tôrre havia feixes de lenha e jarras de pez para tornar o fogo mais vivo. Por sua vontade, Hosru teria passado aquela noite ajudando os homens a cuidar do fogo.

Mas os navios é que exerciam sôbre o menino uma atração tôda especial. Quasi todos os dias êle ia às docas esperar a sua chegada.

Um dia arranjou uns pedaços de madeira, o que não era muito fácil no Egito, e começou um serviço que lhe iria custar muito esfôrço, boa vontade e engenho. Começou a fazer um naviozinho. Trabalhou semanas e semanas: sua ferramenta era uma faquinha apenas; trabalhou com dedicação, alizou e aplainou a sua obra prima. Uma vez pronto, foi brincar na praia; encontrando porém, o mar bravo, não quís largar o naviozinho nas ondas fortes que se quebravam raivosas a seus pés. Voltou então para casa. O vento estava tão forte

que quasi o carregou. Chegando, achou que não havia lugar mais seguro do que sua casa de pedra, com a mãe ao lado e diante dum bom prato de sopa quentinha que ela lhe guardara.

Antes de se recolherem, Hosru e sua mãe estiveram na janela, olhando ao longe o pôrto com a enorme fogueira na torre de Faros. A "Estrêla dos Navegantes" estava na sua missão fiel, espalhando luz principalmente numa noite tempestuosa como aquela.

Durante a noite o egipciozinho acordou diversas vezes com o assobio do vento. Mas a certa hora, êle e sua mãe foram despertados com as vozes dos oficiais do rei, clamando : *Lenha ! Quem nos quer dar lenha !*

Os preciosos feixes de lenha que havia na tôrre já se acabavam ; a luz começava a enfraquecer. Corriam perigo os navegantes dessa noite tormentosa.

— *Lenha ! Quem nos dará lenha para salvar a vida dos navegantes desta noite ?*

Muitos alexandrinos tinham parentes no mar. Muitas portas se abriram em resposta à dolorosa súplica. E muita lenha preciosa foi levada pelos carros reais. Alguns entregaram peças de mobília, por não ter mais lenha.

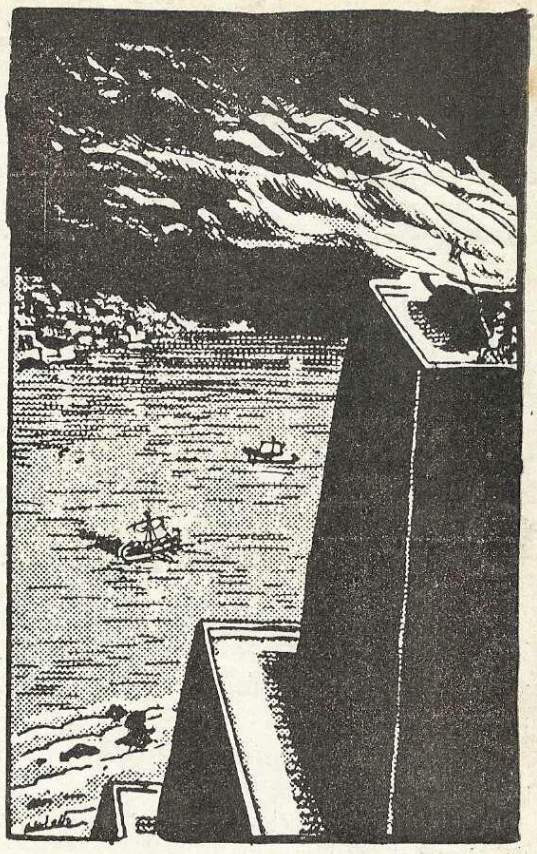
A mãe de Hosru entregou seu banquinho de estimação e o filhinho apressou-se em entregar o naviozinho que lhe custara tanto, ao mensageiro que batera a sua casa.

Oh ! Seu naviozinho ! Tão bonito para ser queimado ! E Hosru teve ímpetos de agarrá-lo das mãos do homem. Mas não, devia deixá-lo ir. Talvez servisse para alumiar o caminho de algum navio a porto e salvamento.

Graças à boa vontade dos Alexandrinos também por aquela noite a "Estrêla dos Navegantes" continuou a brilhar intensamente.

Na manhã seguinte, Hosru, ainda sonolento, acordou. A tempestade cessara. O mar estava novamente calmo. E, quantos navios no porto ! Haviam conseguido desviar dos escolhos, graças ao fogo na grande tôrre de Faros.

Hosru vestiu-se às pressas, enguliu



mal e mal o café com pão e correu ao cais.

Navios e barcos ! O pôrto estava repleto ! De um em um, iam todos para as docas, descarregar.

Oh ! mais um navio ! mastro preto, velas vermelhas e casco pintado. Dez cavalos foram descarregados, feixes de linho, feixes de peles, caixas seladas que deviam ser de ouro e joias — oh ! que carga ! Afinal apareceu o capitão — um homem alto, corajoso e rijo.

Horsu, por um momento, pareceu estar sonhando. Arregalou bem os olhos para certificar-se do que via, e, dando um grito de contentamento correu ao seu encontro, exclamando : Papai ! Papai !

Seu coraçãozinho pulava de alegria. Seu sacrifício não fôra em vão. Êle estava contente, contente, contente mesmo, por haver dado seu naviozinho tão bem trabalhado, para ajudar a "Estrêla dos Navegantes" brilhar incessantemente. Hosru não sabia que seu paizinho estava sendo beneficiado, mas agora tudo era gôzo e alegria.

O Ratinho Que Não

O ratinho subia e descia a escada, subia e descia, subia e descia sem parar.

O porquinho sarnento olhou bem para êle.

A vaca de cauda irrequieta olhou-o também.

O cavalo que constantemente mexia com uma ou outra perna, também reparou no ratinho.

E todos lhe perguntaram :

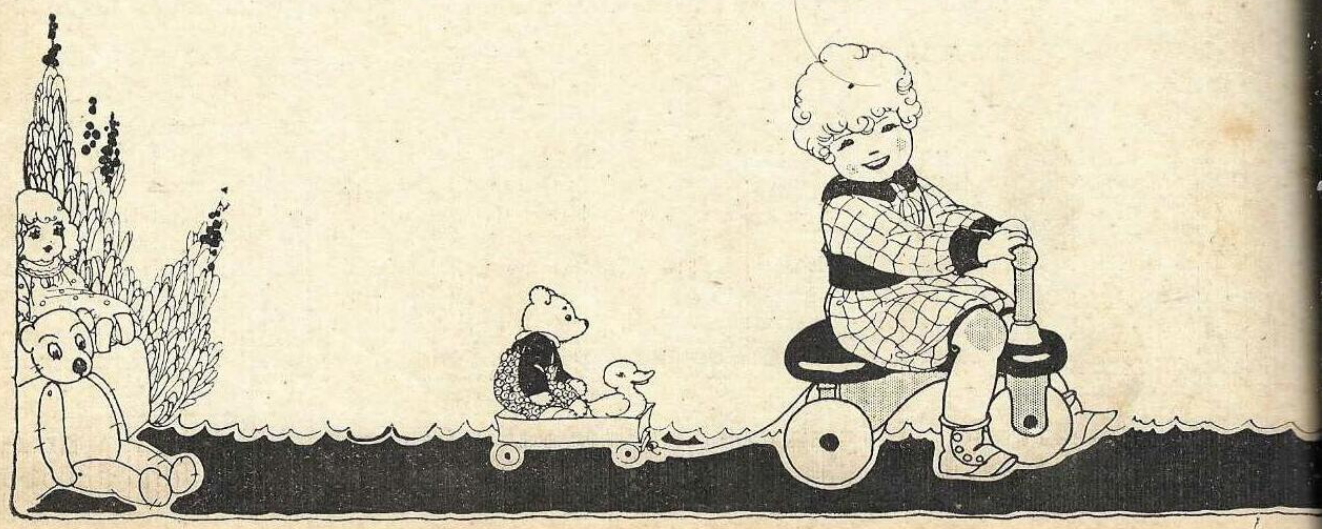
— Ratinho, que faz você aí, correndo para cima e para baixo ?

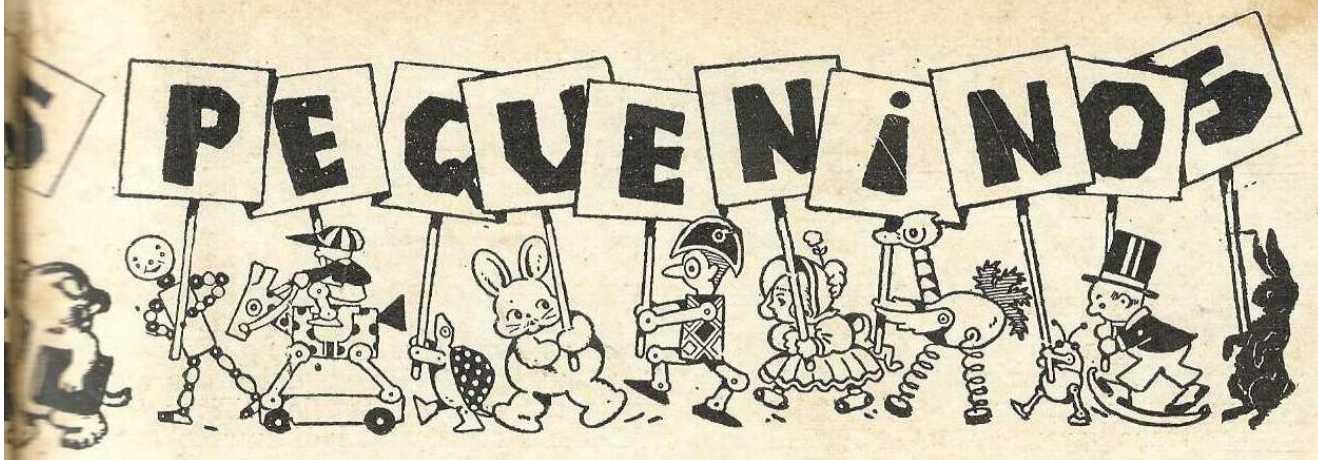
O porquinho sarnento, a vaca irrequieta e o cavalo que não parava com as pernas, olharam-no por um pouco e não aguentando mais de tanta curiosidade, gritaram um pouco mais alto :

— Ratinho, que faz você aí, correndo para baixo e para cima ?

Desta vez então o Ratinho sentou-se no primeiro degrau da escada como se fôsse responder, mas não disse nada. Queria apenas descansar um pouco e tomar fôlego. Logo que pôde respirar melhor, recomeçou a corrida, *tic-tóc, tic - tóc*, para cima e para baixo, para cima e para baixo...

O porquinho foi ficando tão nervoso com aquilo que a sarna começou a coçar tanto a ponto de ser preciso ir esfregar-se numa árvore. A vaca por sua vez foi ficando tão impaciente que até sentia moscas na cauda, começando a abaná-la sem parar. O cavalo, para melhorar a situação, pôs-se a correr como se alguma coisa o perseguisse.





Parava De Correr

Mesmo assim o Ratinho, sem lhes dar atenção continuava subindo e descendo a escada.

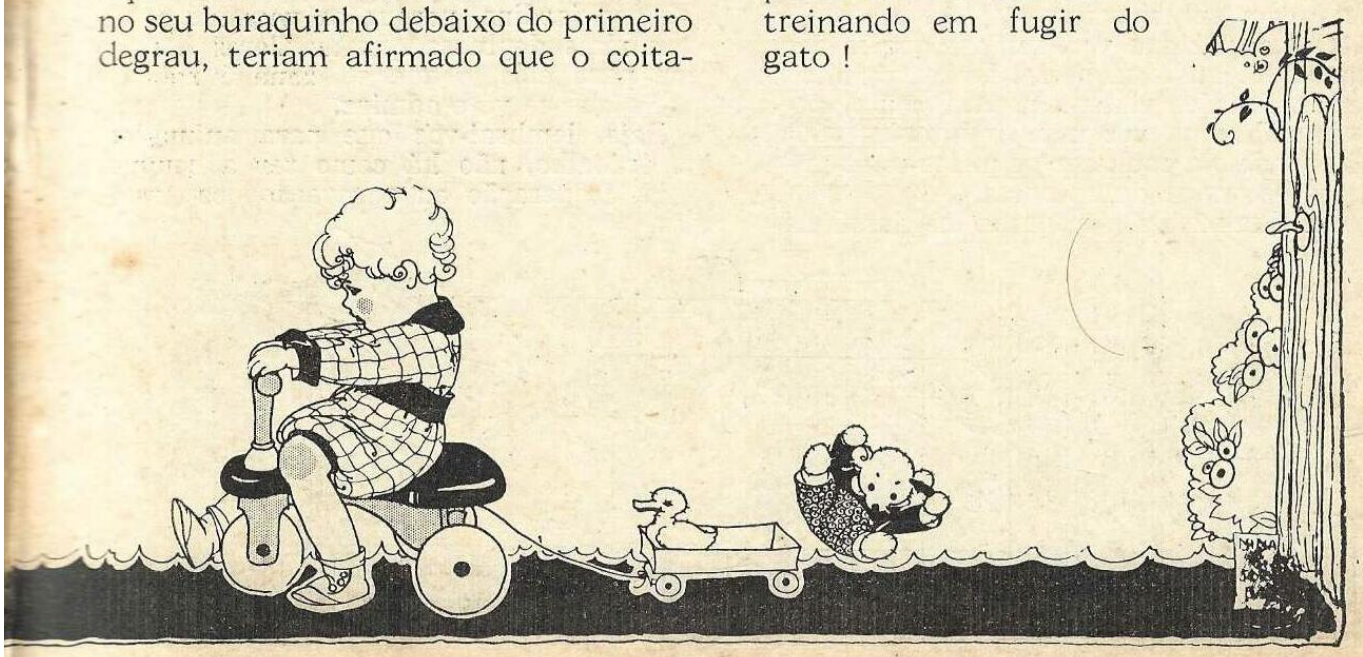
Instantes depois, estando já os três cansados de imaginar o fim daquilo, eis que aparece na porta da cozinha — adivinhem quem ? — O gato ! Justamente êle ! E no momento em que o Ratinho chegava ao último degrau da escada, já o gato quasi o tinha nas garras.

O porquinho, a vaca e o cavalo sentiram um frio correr-lhes pela espinha. Previram algum acontecimento desastroso — e êle veio ! Mas foi tão rápido que se êles não tivessem visto o Ratinho de olhos arregalados *descer* aquela escada como um raio e entrar no seu buraquinho debaixo do primeiro degrau, teriam afirmado que o coitadinho havia servido de almôço para o bichano !

O gato, então, com ares de muito admirado, voltou desenxabido para a cozinha, fingindo não estar nem um pouco desapontado.

E quando o Ratinho estava seguro de que o gato não voltaria, porque já haviam trancado a porta da cozinha, pôs a cabecinha para fora de seu buraco e, chamando o porquinho sarnento, a vaca de rabo irrequieto e o cavalo que não parava com as pernas, disse :

— Olá ! amigos ! Aínda querem saber o que eu estava fazendo quando subia e descia a escada ? Bem, agora posso contar. Eu estava treinando em fugir do gato !



DESPERTAI EM VOSSOS FILHOS O AMOR PELO TRABALHO.

Joãozinho estava na escola, fazia alguns meses. Já sabia ler um pouco. Certo dia o pai levou-o à horta, onde, semanas antes, trabalharam juntos, e, mostrando-lhe um canteiro, perguntou:

— Meu filho, que tal?

A princípio o menino não reconheceu nada, a não ser as tenras plantinhas, mas depois dum minuto, exclamou perplexo:

— Oh! Papai! E' o meu nome! Como é que cresceram, formando o meu nome?

— Não se lembra, explicou-lhe o pai, que há duas semanas você me ajudou a revolver a terra e preparar os canteiros? Depois, sem você ver, tracei seu nome e semeei sôbre as letras apenas. As sementinhas brotaram e alí estão.

— Mas que coisa engraçada! A gente enterra a semente e ela cria vida!

— Pois é, a natureza é maravilhosa! E' um milagre — não sabemos como, mas a sementinha se desenvolve, quando recebe humidade e calor suficientes. Agora, meu rapazinho, êste vai ser o **seu** canteiro. O mais difícil eu já fiz. Agora você vai cuidar bem dessas plantinhas e observar como vão crescendo.

No próximo ano já será capaz de fazer uma horta sòzinho, não é?

O menino pareceu crescer, ouvindo o pai falar assim, pois bem mostrava confiança nele. Seu desejo de tornar-se merecedor daquela confiança, fê-lo trabalhar com entusiasmo.

O pai, por sua vez, sempre que ia **descansar,** lidando na horta, levava o filho e as explicações vinham naturalmente, despertando cada vez mais o interêsse dêle e levando-o a conhecer os meios mais práticos de tratar duma horta.

Gradualmente o pequeno se familiarizou com as sementes, de modo que depois, pai e filho, brincavam de adivinhar que semente era esta ou aquela. Ficou tão animado em conhecer as diferentes qualidades delas que finalmente **passava a perna** ao pai.

Dois ou três anos mais tarde êste pai começou a levar o menino a descobrir por si só, por meio de experiência e observação, o modo de obter verdura mais bonita e viçosa, a que profundidade de cova a semente dava melhor, em que estação, etc.

Uma das lições mais importantes que ensinou **a seu filhinho,** foi a preparação da terra para a semeadura.

Quando o menino pela primeira vez começou a cavar, o pai deixou-o fazer como entendesse. Mas o serviço não rendia e êle se cansava muito. Então o pai disse: Experimente pegar dêste modo, que é o certo, e vai ver como não cansa tanto.

Tendo a sua própria experiência êle não hesitou em aceitar o conselho do pai.

Esta intimidade entre pais e filhos é proveitosa e salutar. Infelizmente aínda são poucos os pais que se dão ao trabalho de palestrar com êles.

Nem tôdas as casas possuem espaço para uma horta, mas quando houver terreno, não deixeis de cultivar em vossos filhos o amor ao trabalho, à natureza e à economia.

Geralmente as crianças preferem hortas aos jardins, porque os vegetais crescem mais depressa que as flores e porque para elas, o que se come é melhor que o que se vê e admira.

Pais, lembrai-vos que para animá-los no trabalho, não há como ter a companhia, cooperação ou aprovação dos grandes.

O BILHETE ESCONDIDO

PRIMEIRO A OBRIGAÇÃO, DEPOIS A DIVERSÃO

—Que dia lindo ! exclamou Santinha. Um sábado como êste vale a pena ! Que bom não haver aula aos sábados !

— Onde estão minhas chuteiras, Santinha ? perguntou Clovis. Você sabe delas ? Queria ir jogar bola.

— Estão lá fóra, bem no canto do barracão. Eu também vou brincar.

Os dois irmãos sairam pulando de contentes. Abriam o portão, quando ouviram a voz da mamãe :

— Como é, meus filhos, esqueceram-se de que sábado é o dia de fazerem limpeza no quarto ?

Foi-se a alegria. Clovis olhou desapontado para a irmã, depois disse :

— Ora, seria bem bom se não precisassemos limpar nosso quarto ! Inda mais num dia como o de hoje que só convida para passear e brincar.

— Ah ! Eu é que não vou arrumar meu quarto — pelo menos agora. Primeiro vou brincar um pouco. O quarto pode muito bem esperar.

Clovis, no entanto, lembrava-se ainda do sábado anterior em que não teve sossêgo enquanto não o arrumou.

— E' tanta a vontade que tenho de jogar bola, que o melhor é eu ir arrumar o quarto já, quanto antes, assim não preciso mais pensar nele, disse o menino.

—Se você quiser, vá. Eu vou ficar brincando, e saiu correndo a ajuntar-se às outras meninas no parque defronte.

Clovis voltou depressa para casa, antes que perdesse a vontade. Entrou no quarto. A desordem era completa. Havia muito o que fazer. Sentou-se na cama um tanto desanimado, mas pensou assim : "Quanto mais depressa fizer, mais depressa irei brincar. Afinal eu e Santinha deviamos ficar contentes por morar numa casa grande e ter cada um o seu quarto."

Num instante tudo estava em seu lugar. Só faltava estender a cama. Não perdeu tempo. Tirou a fronha, lençóis e colcha e pôs no saco de roupa suja.

— Mamãe, onde estão os lençóis limpos ?

— Na canastra, respondeu ela, continuando a cantar de bôca fechada enquanto fazia seu serviço.

— Obrigado.

Clovis correu à canastra. Tirou dois lençóis e uma fronha, muito bem passadinhos. Estendeu-os com prazer. Faltava a colcha. Encontrou-a logo sôbre uma cadeira. No momento em que ia abri-la, ouviu um barulho de papel. Olhou e viu no meio uma folha de bloco. Quís puxar mas estava presa com um alfinete.

"E' engraçado", pensou êle. Tirou-o com cuidado e leu : *Se sua cama estiver arranjada quando vovó chegar, poderá ir com ela à fazenda.*

Clovis bateu palmas de alegria. Ir à fazenda era um prazer ! Lá sempre havia algum bezerro ou cabritinho novo, ou aínda leitõezinhos, o que lhes proporcionava grande distração. Fazenda, significava também um passeio montado no Tordilho — o cavalo vermelho. Havia o Fiel, amigo e companheiro das corridas. Quanta coisa ! E os quitutes da vovó ?

De repente Clovis se lembrou de Santinha. "Antes ela tivesse vindo comigo".

Justamente então Clovis ouviu a voz da vovó. Desceu correndo e disse :

— Mamãe, meu quarto está pronto. Nem acredito ! Vovó, eu vou com a senhora.

— Depressa então, Clovis. Preciso voltar já.

Clovis, esperto como nunca, desceu pronto num minuto e entrou no carro. Passaram por Santinha que aínda jogava bola com outras meninas. Ela nem sabia de nada mas lá na sua colcha também havia um bilhetinho igual ao de Clovis.

Imaginem a tristeza dela quando soube que perdeu o passeio quando bem podia ter ido !

O Maravilhoso Mágico de Oz

CAPÍTULO III

DORITA SALVA O ESPANTALHO

Logo que Dorita ficou só, começou a sentir fome. Foi, pois, ao armário, donde tirou um pedaço de pão com manteiga para si e outro para o Totó. Depois, pegou o balde que estava perto do fogão e foi ao regato enchê-lo de água clara e pura. Totó pôs-se a correr por debaixo das árvores e a latir para os passarinhos. Dorita foi buscá-lo e, olhando para cima, viu frutas tão lindas que trepou à árvore e colheu algumas. Era justamente o que lhe faltava para completar o almôço.

Voltou então para casa e depois de matar a fome e beber da água fresca que trouxera do córrego, começou a preparar-se para a viagem à Cidade das Esmeraldas.

Dorita, além do vestido que trazia no corpo, tinha só mais um, que felizmente estava limpo e dependurado num cabide, ao lado de sua cama. Era de chita xadrez azul e branco, e, embora um pouco desbotado pelas muitas lavagens, era ainda um vestido engraçadinho. Depois de lavar o rosto, trocou de vestido e pôs seu chapéu branco. Tomou uma cestinha, encheu-a de pão e cobriu-a com um guardanapo. Olhando para os pés, notou que seus sapatos estavam muito velhos e gastos.

— Veja, Totó, não servem para fazer uma viagem comprida, disse ela.

Totó fitou os olhinhos pretos nos sapatos da menina e sacudiu o rabo, mostrando ter compreendido.

No mesmo instante, olhando para a mesa, Dorita deu com os olhos nos sapatos de prata, que haviam pertencido à Bruxa de Leste.

— Será que êles me servem? disse ao Totó. São próprios para uma viagem como esta, pois não se gastam.

Tirou os sapatos velhos que eram de couro e experimentou os de prata. Serviram-lhe tão bem como se tivessem sido feitos com medida.

Em seguida, sobraçando a cesta, disse:

— Vamos, Totó. Vamos à Cidade das Esmeraldas perguntar ao grande Oz como poderemos voltar à nossa Terra.

Fechou a porta e guardou cuidadosamente a chave no bolso do vestido. Acompanhado por Totó que a seguia de perto, pôs-se a caminho.

Várias estradas cruzavam-se naquele lugar mas a menina encontrou logo a que era calçada de ladrilhos amarelos. Daí a instantes, caminhava, muito animada, em direção à Cidade das Esmeraldas. Seus sapatinhos de prata produziam um som metálico nos duros ladrilhos amarelos. O céu estava azul e sereno e os passarinhos cantavam maviosamente. Dorita sentia-se mais alegre do que se podia esperar duma menina que, repentinamente, fôsse transportada de sua terra a um país estranho.

À medida que caminhava, ia admirando as belas paisagens que se desenrolavam ante os seus olhos. Dos dois lados da estrada, viam-se cêrcas de madeiras, pintadas de azul claro. Mais além, estendiam-se vastas plantações de cereais e lindas hortas. Via-se claramente que os munchilenos eram bons lavradores e que havia fartura no país todo. De vez em quando, a menina passava por alguma casa, e os moradores saiam para vê-la passar. Cumprimentavam-na cerimoniosamente ,pois, já todos sabiam que foi ela quem matara a bruxa malvada, libertando-os da escravidão. As casas dos munchilenos eram muito exquisitas. Eram roliças e os tectos tinham a forma de zimbórios. Eram tôdas pintadas de azul, a côr predileta dos habitantes dêsse país.

Ao cair da tarde, quando Dorita já cansada, começava a pensar onde passaria a noite, chegou a uma casa, maior que tôdas as que tinha visto até alí.

Na frente da casa, um grupo de homens e mulheres dansavam sôbre um gramado verde. Cinco violinistas pequeninos tocavam com entusiasmo, enquanto outras pessoas riam e cantavam alegremente. Ao lado havia uma mesa enorme, cheia de frutas, nozes, tortas, bolos, empadas, pasteis e outras coisas gostosas.

Essa gente acolheu Dorita com muita amabilidade, convidando-a a ceiar com êles e a pernoitar alí. Era a morada dum dos mais ricos munchilenos, que reunira todos os seus amigos, para juntos, festejarem a libertação do jugo da Bruxa malvada.

Dorita ceiou muito bem, sendo servida pelo próprio dono da casa, que se chamava Boz. Depois de satisfeita, sentou-se num divan para assistir às dansas.

De repente Boz exclamou admirado, ao notar os sapatos de prata que a menina calçava:

— Oh! não sabia que tinha recebido uma fadazinha em minha casa!

— Por que é que eu sou fada? perguntou Dorita.

— Porque usa sapatos de prata e porque matou a Bruxa malvada. Além disso, seu vestido é em parte branco e sòmente as bruxas e fadas usam essa côr.

—Meu vestido é xadrez azul e branco, disse Dorita, alizando a saia já um pouco amassada.

— A menina é muito gentil em usar essas côres, disse Boz. Azul é a côr dos munchilenos e branco, a das fadas. Por isso estamos certos de que é uma fada amiga.

Dorita não sabia o que responder ao amável munchileno. Todos pareciam tomá-la por fada. Ela bem sabia que não passava duma menina como outra qualquer, com a diferença de ter tido a infelicidade de ser levada por um ciclone a uma terra estranha.

Quando se cansou de ver as dansas, Boz levou-a para um quarto, onde havia uma linda caminha. Dorita dormiu que foi um regalo, entre lençóis de linho azul. Totó deitou-se num tapete, também azul que estava ao lado da cama e aí dormiu.

Na manhã seguinte a menina almoçou com muito apetite. Depois divertiu-se, vendo um nenèzinho munchileno brincar com Totó, puxando-lhe o rabo e rindo-se a valer. Totó era uma curiosidade para êsse povo que nunca tinha visto um cachorro.

— Qual é a distância daquí à Cidade das Esmeraldas? perguntou Dorita.

— Não sei, respondeu Boz, gravemente. Nunca estive lá. E' melhor ficar longe de Oz, a não ser que se tenha negócios com êle. Sei, entretanto, que o caminho é muito longe e que você vai levar muitos dias para fazer a viagem. Esta parte da Terra de Oz é rica e bela, mas depois, será preciso atravessar lugares difíceis e perigosos, para chegar à Cidade das Esmeraldas.

Dorita, um tanto assustada ao ouvir essas palavras, mas sabendo que só o grande Oz poderia ajudá-la a voltar para sua terra, tomou a corajosa resolução de prosseguir na viagem.

Despediu-se dos amigos e pôs-se novamente a caminho, pela estrada de ladrilhos amarelos. Tendo andado um bom pedaço, sentiu-se cansada; trepou então a uma cêrca à beira da estrada e sentou-se lá em cima para descansar. Do outro lado havia um grande arrozal. No meio da plantação Dorita viu um espantalho espetado no alto dum poste para afugentar os passarinhos que viessem comer o arroz maduro.

Apoiou o queixo na mão e pôs-se a olhar, pensativa para o espantalho. A cabeça era um saquinho cheio de palha, onde se viam pintados os olhos, o nariz e a bôca. Enterrado na cabeça estava um chapeu velho que, a julgar pelo formato e pela côr azulada, pertencera a algum munchileno. O corpo era feito dum terno azul, também velho e desbotado, recheado de palha. Os pés eram um par de botas velhas com canhões azues, exatamente iguais às que usavam os homens dêsse país.

Dorita olhava fixamente para a cara do espantalho. De repente levou um susto, vendo um dos olhos do boneco piscar para ela. A princípio julgou estar enganada, pois os espantalhos de sua terra não se mexiam; mas logo depois o boneco cumprimentou-a com um movimento de cabeça. A menina desceu então da cêrca e aproximou-se dêle, enquanto Totó, latindo, corria ao redor do poste.

— Bom dia, disse o Espantalho, com voz fanhosa.

— Você disse alguma coisa? perguntou ela, assustada.

— Naturalmente. Disse sim, minha menina, respondeu o Espantalho. Como vai?

— Bem, obrigada, tornou Dorita com tôda a delicadeza. E você, como tem passado?

— Não estou passando muito bem não, respondeu êle, sorrindo. E' muito cacete a gente ter de ficar aquí dia e noite, espantando os passarinhos.

— Você não póde sair daí?

— Não, porque estou espetado neste poste. Se quiser fazer o favor de me tirar daquí, ficar-lhe-ei muito grato.

Dorita estendeu os dois braços e com facilidade tirou-o do poste, pois, sendo recheado de palha, era muito leve.

— Muito obrigado, disse o Espantalho ao se ver no chão. Sinto-me outro homem.

Dorita estava intrigada com todos êsses acontecimentos. Parecia-lhe tão exquisito ouvir êsse boneco empalhado falar, e vê-lo fazer cumprimentos e andar ao seu lado...

— Quem é você? Para onde vai? perguntou êle depois de se espreguiçar e bocejar.

— Chamo-me Dorita. Vou à Cidade das Esmeraldas, pedir ao grande Oz que me ajude a voltar para minha terra.

— Onde fica a Cidade das Esmeraldas? Quem é Oz?

— Ora, então você não sabe? tornou a menina, admirada.

— Não tenho a menor idéia. Você deve compreender que não tenho miolos, porque sou um homem de palha, respondeu êle tristemente.

— Ah! disse Dorita, pois eu sinto muito.

— Você acha que se eu for com você à Cidade das Esmeraldas, o grande Oz me dará miolos?

— Não sei, mas se quiser, pode vir comigo. Mesmo que Oz não lhe dê miolos, você não terá nada a perder com isso.

— E' verdade. Não me importo de ter os braços, as pernas e o corpo cheios de palha, porque assim não me machuco. Se alguém pisar no meu pé ou espetar-me algum alfinete, não sinto dor. Só não quero que me chamem de tolo. Se minha cabeça continuar recheada de palha, em vez de miolos, sempre serei um bobo alegre.

— Compreendo muito bem o que sente. Se vier comigo, pedirei a Oz que faça tudo o que puder para você ficar muito inteligente.

— Muito obrigado, disse êle. Como lhe fico agradecido!

Dorita ajudou-o a pular a cêrca e assim voltaram à estrada de ladrilhos, indo a caminho da Cidade das Esmeraldas.

Totó a princípio não gostava muito do novo companheiro de viagem. Farejou-o todo como se desconfiasse haver algum ninho de ratos na palha e pôs-se a rosnar com cara pouco amiga.

— Não se incomode com Totó, êle nunca morde, disse Dorita ao seu novo amigo.

— Não tenho mêdo dêle, tornou o Espantalho, pois não me pode fazer mal nem que me morda. Deixe-me levar sua cesta. Não a acharei pesada porque nunca me canso. Vou contar-lhe um segrêdo, acrescentou, enquanto caminhavam. Ha só uma coisa neste mundo de que tenho mêdo.

— De que é? perguntou Dorita. Do fazendeiro munchileno que o fez?

— Não, respondeu o Espantalho, é dum fósforo aceso.

CAPÍTULO IV

ATRAVÉS DA FLORESTA

Depois de algumas horas de viagem, o caminho começou a ficar péssimo. Era difícil andar por êle porque os tijolos amarelos eram desiguais. Diversas vezes o Espantalho tropeçou nos ladrilhos mais salientes. Havia lugares em que os tijolos estavam quebrados, em outros muito gastos, formando assim buracos que Totó atravessava dum pulo e que Dorita rodeava. O Espantalho, como não tinha inteligência alguma, ia caminhando direito, sem olhar onde pisava, de maneira que punha os pés nos buracos e se esborrachava no chão duro. O que valia era que nunca se machucava. Dorita ajudava-o a levantar-se, rindo-se a valer, e o tolo do Espantalho a imitava.

Agora as casas e árvores frutíferas iam rareando e os campos já não eram tão bem cultivados como os que iam deixando para trás. Quanto mais andavam, mais triste e despovoado se tornava o país.

Ao meio dia sentaram-se à beira da estrada, perto dum riacho, e Dorita, abrindo a cesta, tirou um pedaço de pão e ofereceu-o ao Espantalho, mas êle o recusou, dizendo:

— Nunca sinto fome, o que é uma grande felicidade, pois minha bôca é apenas pintada e se eu fizesse um buraco nela para poder comer, a palha sairia por essa abertura e minha cabeça perderia a forma.

— E' verdade, disse Dorita, continuando a comer o pedaço de pão.

— Conte-me alguma coisa de sua vida e da terra de onde veiu, disse o Espantalho, logo que a menina acabou de comer.

Dorita, então, contou-lhe que morava numa fazendola situada num estenso descamado, na Terra dos Viventes, e que um ciclone a trouxera a essa esquisita Terra de Oz. O Espantalho ouviu-a com muita atenção e depois disse:

— Não compreendo como você pode querer deixar êste belo país e voltar para uma terra desolada e triste como a sua.

— Você diz isso porque não tem miolos, respondeu-lhe a menina. Gente de carne e osso não troca sua terra, por triste que seja, pelo mais belo país do mundo. Ai que saudades eu sinto da minha terra e da minha gente!

O Espantalho suspirou.

— Com franquesa, não compreendo, disse êle. Se as suas cabeças fôssem de palha como a minha, todos vocês iriam morar em lugares bonitos e não haveria gente em descampados. E' uma felicidade para a sua terra, vocês terem miolos.

— Agora, enquanto descansamos, conte-me a sua história, propôs a menina.

— Tenho vivido tão pouco que não tenho quasi o que contar, respondeu o Espantalho. Faz apenas dois dias que me fizeram. Não tenho a mínima idéia do que se passou no mundo, antes dessa época. Felizmente quando o fazendeiro fez a minha cabeça, pintou as orelhas em primeiro lugar, de modo que pude ouvir tudo o que diziam. Um outro munchileno estava com êle, e as primeiras palavras que ouvi foram as seguintes, ditas pelo fazendeiro:

"Que você acha destas orelhas?"

"Estão tortas", respondeu o outro.

"Não faz mal, nem por isso deixam de ser orelhas. Agora vou pintar os olhos", continuou êle.

Pintou então o meu ôlho direito. Logo que terminou, comecei a olhar para o fazendeiro e para tudo que me rodeava. Estava curioso, pois era a primeira linha que tirava do mundo.

"O ôlho está bem bonito", observou o munchileno que assistia ao trabalho do fazendeiro. "Não há como tinta azul para pintar olhos!"

"Vou fazer o outro um pouquinho maior", disse o fazendeiro.

Logo que pintou o segundo ôlho, pude enxergar com mais facilidade. Em seguida me pintou o nariz e a bôca, mas não falei porque aínda não sabia a utilidade da bôca. Diverti-me, vendo-os fazer meu corpo, braços e pernas. Quando afinal colocaram minha cabeça no lugar, fiquei todo vaidoso, julgando-me um homem como outro qualquer.

"Êste camarada há de espantar bem os passarinhos", disse o fazendeiro. "Parece um homem, tal e qual".

"Ora, veja, pois é um homem mesmo", disse o outro.

Eu concordei plenamente com isso. O fazendeiro carregou-me debaixo do braço e assim me levou para o arrozal e me espetou no alto do poste em que você me foi encontrar. Depois, retirou-se com o amigo, deixando-me sòzinho. Não gostei de ficar assim abandonado e tentei seguí-los, mas os meus pés não tocavam o chão e me ví obrigado a ficar alí mesmo. Era uma vida aborrecida a mais não poder, pois tendo vindo ao mundo há tão pouco tempo, não conhecia nada e não tinha em que pensar. Muitos pássaros voaram para o arrozal, mas ao me verem, fugiram, pensando que eu fôsse um munchileno. Isso me deu muito prazer, porque me julguei um grande personagem. Passado algum tempo, porém, um pássaro velho veio chegando-se, devagarinho, devagarinho e, depois de me revistar dos pés à cabeça, empoleirou-se muito concho no meu ombro e disse:

"Será possível que aquele pateta contava enganar-me com tanta facilidade? Qualquer pássaro com um pouco de juizo, verá que você não passa de um boneco de palha".

Isso dizendo, voou do meu ombro para o chão e fartou-se de arroz. Os outros pássaros, vendo que eu não lhe fazia mal, criaram coragem e dentro em pouco eu me vi rodeado de pássaros. Isso me entristeceu, pois demonstrava que afinal de contas eu não era um bom Espantalho. O mesmo pássaro que havia conversado comigo consolou-me, dizendo:

— Se você tivesse miolos, seria igual aos outros homens e até melhor do que muitos dêles. Os miolos são a única coisa que vale a pena possuir neste mundo, quer seja homem, quer pássaro.

Quando os passarinhos se dispersaram, comecei a matutar sôbre essas palavras. Resolvi fazer o possível para obter miolos. Foi para mim uma grande felicidade você ter-me tirado daquele poste. Pelo que me disse, tenho a certeza de que o grande Oz me dará miolos, logo que chegarmos à Cidade das Esmeraldas.

— Espero que lhe dê mesmo, já que os quer tanto, disse Dorita com simpatia.

— Eu desejo muito, tornou o Espantalho porque é muito triste a gente saber que é um grandissíssimo arara.

— E com isso, vamos andar, disse a menina e, levantando-se, deu a cesta ao boneco.

Já não havia mais cêrcas beirando a estrada, nem se viam terras cultivadas. Ao cair da tarde, chegaram a uma grande floresta, cujas árvores eram tão grandes e tão copadas que seus galhos se encontravam, formando um túnel grande e sombrio. A luz do sol não podia penetrar alí, mas os nossos viajantes não tiveram mêdo e avançaram corajosamente.

— Visto que esta estrada entra na floresta, também há de sair dela, disse o Espantalho. Como a Cidade das Esmeraldas fica na outra extremidade da estrada, só nos resta seguir por ela.

— Ora essa, quem é que não sabe disso? perguntou Dorita.

— Pois é justamente porque toda gente sabe, que eu também sei, tornou o Espantalho. Se fôsse preciso ter miolos para dizer isso, eu não o teria dito.

Ao cabo de uma hora a escuridão era completa. Dorita ia tropeçando a cada passo. Não enxergava um palmo adiante do nariz, mas Totó, sendo cachorro, via muito bem no escuro. O Espantalho dizia ver tudo tão bem como se fôsse dia claro. A menina agarrou-se, pois, a seu braço e assim conseguiu andar, sem correr o risco de cair e machucar-se.

— Se você vir alguma casa ou um abrigo qualquer onde possamos passar a noite, disse ela, avise-me, porque é muito desagradável a gente andar no escuro.

Dalí a instantes o Espantalho parou.

— Vejo uma choça à direita, disse êle. E' feita de troncos e galhos de árvores. Quer ir até lá?

— Oh! Se quero! Não posso mais de cansada.

O Espantalho guiou-a por entre o arvoredo, até chegarem à choça, onde Dorita entrou, apressada. A um canto viu um leito de folhas sêcas. Deitou-se sem perda de tempo e, com Totó ao seu lado, adormeceu logo. O Espantalho que nunca se cansava, ficou noutro canto da choça, esperando pacientemente o amanhecer.

(*Continua*).

O ESCOTEIRO

Escoteiro é uma palavra que enche de entusiasmo qualquer menino, não é mesmo? E' com orgulho que os meninos dizem: **Sou escoteiro.**

Vamos ver então quem fundou essa instituição chamada escotismo e por que?

O Transvaal, domínio inglês no sul da África, estava em guerra com os boers. Durante essa guerra um célebre militar inglês, o general Sir Robert Baden Powell, percebeu haver muito desânimo e falta de vontade entre os soldados ingleses. Isto o impressionou sobremaneira. Ficou pensativo. Sentiu a necessidade de se tomar uma medida séria. Que pensou êle em fazer para despertar a energia, o entusiasmo e coragem em os seus compatriotas? Ah! Baden Powell pensou bastante e encontrou o remédio. De volta a seu país iria trabalhar com a mocidade e torná-la ativa, não sòmente para o campo de batalha, mas procurando também erguer a sua moral e as suas energias. Pensou nas excursões campestres, convenientemente regulamentadas. O resultado foi surpreendente. A mocidade sorriu, pois êste treino, despertando-lhes as faculdades de ordem física e moral, fazia-lhes bem. O despertar do sentimento do dever e da responsabilidade, fez com que êles, os jovens, aprendessem a confiar em si e a agir sem esperar pelos outros. Esta instituição foi o **Escotismo,** que fundado na Inglaterra em 1908, logo se espalhou a quasi tôdas as outras nações.

Baden Powell reconheceu que a mocidade precisava mover-se, pôr em ação os músculos, pois a vida cheia de confôrto, deixava-os um tanto preguiçosos. A par da instrução, do desenvolvimento intelectual, é preciso também a fôrça moral e física; e para o seu desenvolvimento é necessário lutar, com ânimo, até vencer as dificuldades. Nêste exercício de atividade física desenvolve-se uma camaradagem alegre. A experiência e o exemplo de homens respeitáveis despertam nos escoteiros as qualidades necessárias à ação: confiança em si, otimismo, decisão e coragem, o que os leva a lutar e vencer.

Estas excursões campestres não têm como objetivo prepará-los para a vida militar, mas para a vida de cada dia, quer em casa, quer na rua, na escola, na igreja, no trabalho ou no brinquedo. Como? Acostumando-os à disciplina, responsabilidade, obediência, honestidade, altruismo, iniciativa e PONTUALIDADE. O escotismo contribue para a formação de cidadãos uteis à pátria, não sòmente no campo de batalha, mas no campo de sua atividade diária, procurando ser um benefício ao semelhante; esforça-se a preparar cidadãos que saibam desempenhar digna e honradamente o cargo que na sociedade vierem a ocupar.

Os escoteiros para o serem, fazem o seguinte juramento:

"Juro, pela minha honra, fazer tudo que de mim dependa para cumprir os deveres para com Deus e para com o chefe de Estado.

"Amar a minha pátria, ser-lhe útil em todos os momentos e respeitar as suas leis."

"Obedecer às leis do Escoteiro, cujos artigos são os seguintes:

1.º O escoteiro é honrado, e a sua palavra merece confiança absoluta.

2.º O escoteiro não teme o ridículo, aínda que para executar obras novas tiver de o ser.

3.º O escoteiro é obediente, disciplinado e leal.

4.º O escoteiro é um homem de iniciativa; mas também conciente da responsabilidade de seus atos.

5.º O escoteiro é tolerante, cortez e serviçal.

6.º O escoteiro é amigo de todos, e considera os outros escoteiros como irmãos, sem distinção de classes sociais.

7.º O escoteiro é valente e prontifica-se a ser útil e ajudar os fracos.

8.º O escoteiro faz uma boa ação por dia, por mais modesta que seja.

9.º O escoteiro é amigo dos animais, das árvores e das plantas.

10.º O escoteiro é asseado e alegre.

11.º O escoteiro é econômico, trabalhador, tenaz e perseverante.

12.º A maior honra para o escoteiro é sê-lo, porque êste título pressupõe elevação de ideais e nobreza de sentimentos".

Destas doze leis há uma que tem importância capital. Qual será? E' a oitava: "Fazer uma boa ação por dia". Imaginem quantos escoteiros há no mundo, e quantas ações boas são feitas diariamente! "Por mais modesta que seja". Pode ser até tirar uma casca de banana do chão; não é preciso que a boa ação seja proclamada, pois seu valor não consiste nisso. Faz-se o bem por amor do bem e não por vanglória.

Os escoteiros começaram modestamente em diversos países; possuem hoje o exclusivo do uniforme e da insígnia; é uma instituição de carater oficial. Teem o seu hino, não guerreiro, mas de paz e esperança, que os comove e entusiasma.

São inúmeros os feitos heroicos, de sacrifício e de amor, praticados pelos escoteiros.

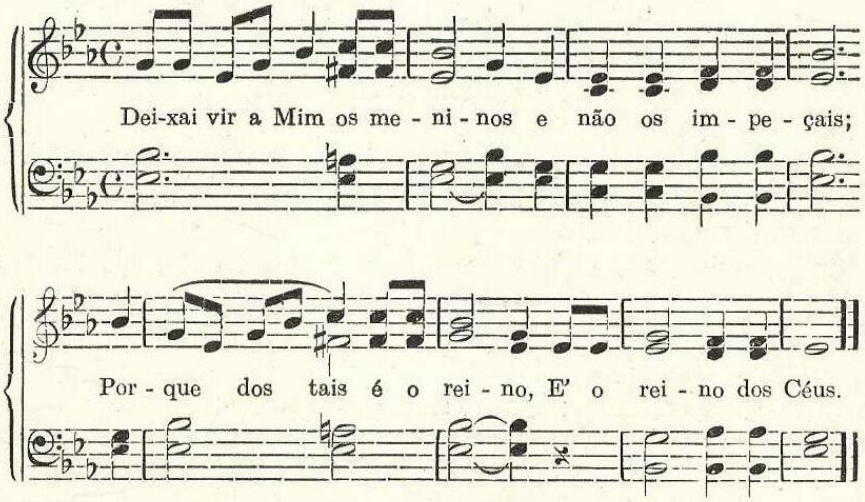
Vocês, meus queridos bem-te-vistas, não acham lindo ser escoteiro? Vale a pena pertencer a uma instituição de fins assim nobres. Se não puderem ser escoteiros inscritos, não faz mal, decorem o seu código e, pondo-o em prática, merecerão por igual modo serem chamados escoteiros.

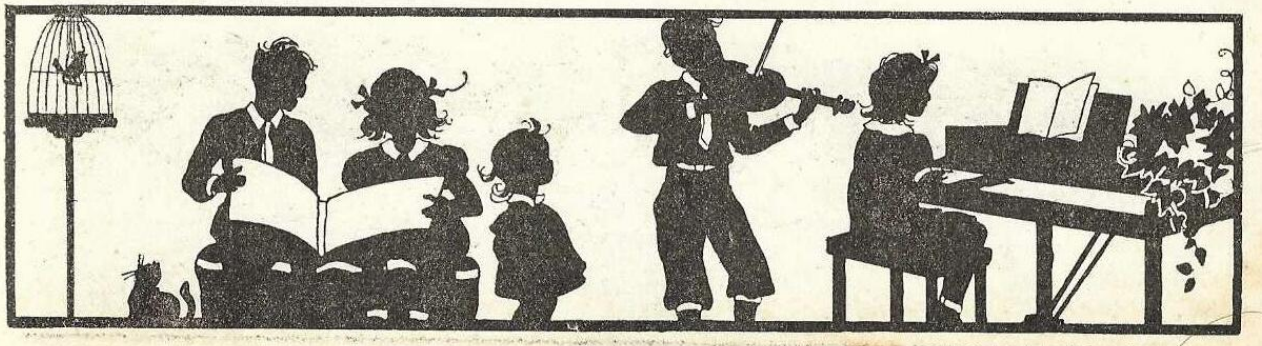
★ ★ ★

"Deixai vir a mim os meninos"

Lucas, 18:16.

EULA K. LONG.

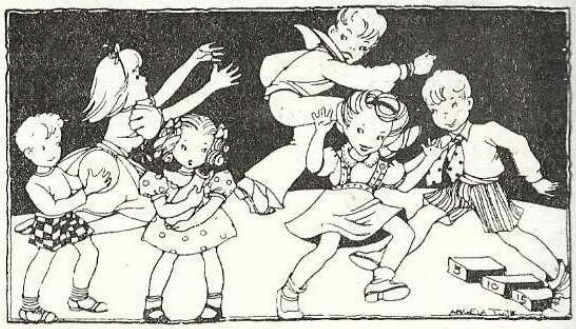




BRINQUEDOS E JOGOS

Tijolo de sorte

Para êste brinquedo é bom usar tijolos; não tendo, substitua por caixas. Ponha quatro tijolos com números escritos a giz — 1, 5, 10, 15. Os jogadores, cada um por sua vez, atiram a bola de borracha. Se bater no que tem o n.º 5, êle ganha 5 pontos e 1 ponto se bater no n.º 1. O que primeiro chegar a 100, ganha o jôgo.



LADINO

Dividem-se as crianças em dois partidos. Bem no centro põe-se um lenço. Quem estiver dirigindo o brinquedo chama uma criança de cada lado e ao contar três, os dois vem correndo de lados opostos para pegar o lenço e voltar ao seu lugar. O que não pegar deve correr atrás do outro antes de êle chegar ao seu lugar. O que perder, sai e o lado que tiver mais crianças, é o vencedor.

O engraçado é quando dois espertos se encontram no centro; um faz conta de pegar o lenço e o outro já lhe dá uma tapa, mas êste não o pega, e assim ficam até que o mais corajoso pega e sai correndo.

Êste brinquedo é bom para se fazer na escola, sendo dirigido pela professora.

★ ★ ★

LOGICIDADE

1 — Murmuro sempre, mas nunca chóro. Embora não durma, estou sempre no leito. Minha bôca é maior que minha cabeceira. Não tenho pernas nem pés, mas corro muito, e quanto mais quedas dou, mais depressa corro. Quem sou ?

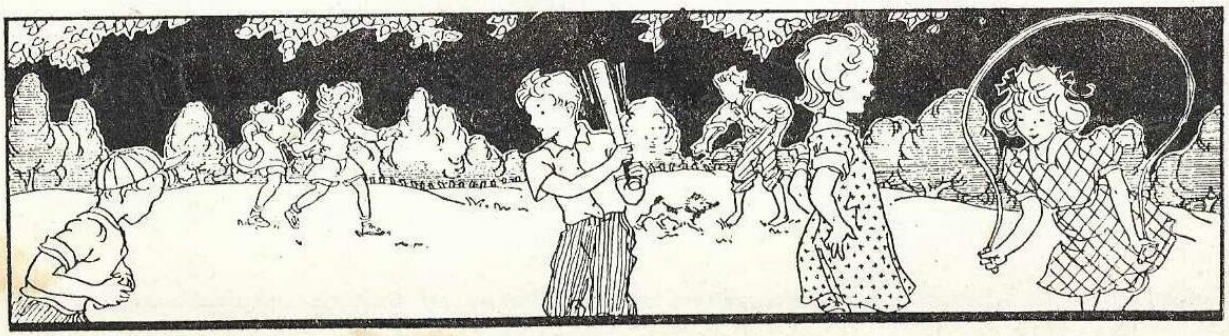
2 — Gosto muito dos feriados. Nesses dias, ergo-me cedinho, ao nascer do sol, e só me recolho à noite.

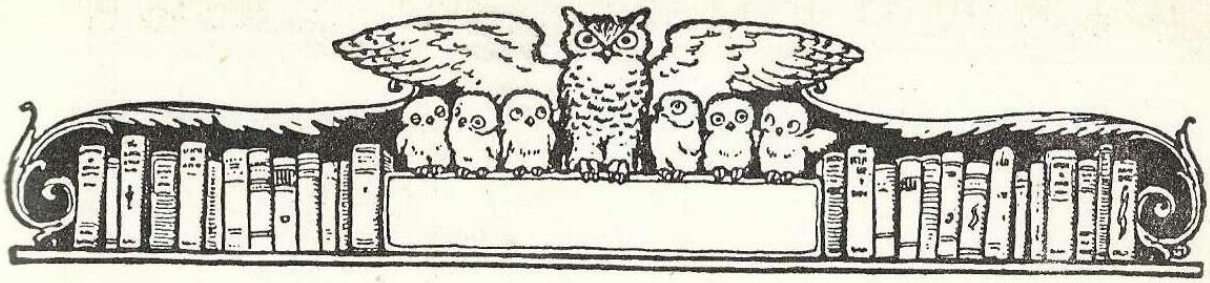
Vocês tôdas, crianças, me querem e me respeitam, descobrem-se quando passam por mim, entanto, eu não sou nem um santo.

Também não sou verbo e represento o passado, o presente e o futuro.

Querem dizer o meu nome ?

3 — Sou bonita ou feia ; grande ou pequena ; gorda ou magra ; preta ou branca, amarela ou vermelha. Enxergo tudo, sinto os cheiros e tenho bôca. Tenho muitos donos. Aos animais eu pertenço. Há, porém, um risquinho que, colocado sôbre mim, à maneira duma varinha de condão das fadas, me transforma completamente. Muda-me até de dono. Passo a ser vegetal.





Quem é que sabe?

1) Completar : *Vai ter com a formiga, ó preguiçoso, considera os seus caminhos e...*
2) Qual o nome de mulher que também o é duma pedra preciosa ?
3) Qual a nota musical criminosa ?
4) Qual a nota musical que é astro ?
5) Como podemos representar o 5 mais 1, valendo menos ?
6) Que quer dizer ano-luz ?
7) Quantos km. dista o Sol da Terra ?
8) Em 22 de abril quando o Brasil foi descoberto, qual o 1.º homem que saltou à terra, entregando ao gentio um barrete vermelho ?
9) Qual o coletivo de cabra ?
10) Quando se comemora o dia das Mães ?
11) Em que tempo e modo está o verbo da seguinte sentença : Se virmos o boletim...
12) Que é que se encontra bem no meio da rua ?
13) Que quer dizer zéfiro ? E favônio ?
14) Corrigir a seguinte sentença : Entre eu e êle não houve briga.
15) Qual o servo de Deus que foi lançado numa cova de leões, sem que êstes o tocassem ?

Respostas às perguntas de Março :

1) *salvo, tu e a tua casa.*
2) Bigorna.
3) Estribo.
4) Rótula — rótulo.
5) A cidade de Praga.
6) Maranhão — S. Luiz ; Piauí — Sta Terezina ; Paraíba — João Pessoa ; Baía — S. Salvador ; Esp. Santo — Vitória ; S. Paulo — S. Paulo ; e o ter. do Acre — Rio Branco.
7) Canadá — banhado pelos oceanos Atlântico, Pacífico e Glacial Ártico.
8) Porque é impossível olhar dos dois lados ao mesmo tempo.
9) Barriga da perna.
10) Não ; é um aracnídeo.
11) Sinistra.
12) Cinira.
13) Real.
14) Pavilhão.
15) Pedro, mas Jesus curou-a na mesma hora.

A Morte de Tiradentes

(Diálogo)

A — Sabeis quem foi Tiradentes?
B — Falaste em que? Tira... tira...
Já me não recordo mais,
e pareço até um **caipira**
fazendo perguntas tais.
A — Tiradentes, eu dizia,
um nome que enche de glória,
de luz, de amor, de poesia,
belas páginas de História.
B — E por que?
A — Ides saber:
Outr'óra em Minas Gerais
uns homens quiseram ver
livre o país que adorais.
Patriotas, conceberam
libertar nosso Brasil
mas os bravos pereceram
por causa de um homem vil.
B — E êsse... êsse monstro quem era?
A — Vou contar-vos, com horror,
aquilo que não sabeis:
chamava-se o traidor
Joaquim Silvério dos Reis.
Os revoltosos — coitados!
com tôda a sinceridade
discutiam abrazados,
os planos da Liberdade.
Descoberto o **grande crime**,
foram prêsos os heróis.
Que patriotismo sublime
o dêsses **humanos** sóis!
Foram todos condenados:
uns a perpétuo degrêdo,
que partem, indo algemados,
levando n'alma um segrêdo...
Outros, outros à prisão...
Que falta de coração!
B — Quem eram êsses valentes,
que inspiram palmas e dó?
Dos **irmãos** de Tiradentes
Quero o nome de um, de um só...
A — Tomaz Antônio Gonzaga,
de Marília o poeta amado,
cujo talento divaga
no poema celebrizado...
Em Moçambique — que dôr!
foi comer o pão do exílio,
longe do esplêndido brilho
dos olhos do seu amor!
B — Nenhum condenado à morte?
A — Só Tiradentes — o forte.
B — E soube êle, herói, morrer
serenamente, altaneiro,
sem vacilar, sem tremer,
como grande brasileiro?
A — Si soube!.....
.....
.....
A turba o espera silenciosa
na Praça da Lampadosa,
Ei-lo que chega, afinal,
com garbo heroico, marcial...
Mui calmo contemplando a multi-
[dão pasmada,
nos lábios a tremer um riso negro
[de asco,
entrega, sorridente, o pescoço ao
[carrasco...
E a cabeça do heroi tombou ensan-
[guentada!

* * *